

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 06 – 2010, JUNHO
Assinatura até 31.12.10: 6 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

El Día a la Noche, alza, besa
sólo un instante.
La Noche al Día – alba, promessa –
beso de amante.

Me estás enseñando a amar.
Yo no sabía.
Amar es no pedir, es dar.
Mi alma, vacía.

Gerardo Diego 1896-1987, Me estás enseñando,
Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

Poco me importa si burláis riendo
estes versos purísimos y santos,
pues en esto de amor e íntimos llantos,
de alabanzas del público no entiendo.

¡Hombres de piedra! Alguno habrá, entre tantos
(uno tal vez) que esta pasión sintiendo,
aquí se ponga a remirar, midiendo
la vida que palpita en estos cantos.

Ese será mi público. De cierto
exclamará: "Puede vivir tranquilo
quien ama así y es, a su turno, amado."

Y pensará, de lágrimas cubierto,
que aqueste viejo cuento sin estilo
¡jamás oyó con tanto ardor contado!

Olavo Bilac, Via Láctea – Tr. Guillermo Valencia

Bañado en luz de fuego, magnífico y radioso,
el imperial palacio de pórfido luciente
y mármol de Laconia, el techo caprichoso
muestra, en plata incrustados, los nácaros de Oriente.

Nerón en el triclinio se reclina indolente...
En profusión las gemas sobre dosel fastuoso
Alternan con el oro. Y la mirada ardiente
es púrpura de Trácia de brillo esplendoroso.

Hermosa sierva canta. La aurilabrada lira
preludia entre sus manos una loca tonada
y asciende del turbulento el humo en lenta espira.

Coro de esclavas núbiles, danzando, le rodea...
Y Nerón se ha dormido, con la frente apoyada
en los desnudos senos de la sensual Popea.

Olavo Bilac, La siesta de Nerón – Trad. Délio Seravile

Fulge de luz banhado, espléndido e suntuoso,
o palácio imperial de pórfiro luzente
e marmor de Laconia. O teto caprichoso
mostra, em prata incrustado, o nácar do Oriente.

Nero no toro ebúrneo estende-se indolente...
Gemas em profusão do estrágulo custoso
de ouro bordado vêm-se. O olhar deslumbra, ardente,
da púrpura da Trácia o brilho esplendoroso.

Formosa ancila canta. A aurilavrada lira
em suas mãos soluça. Os ares perfumando,
arde a mirra da Arábia em recendente pira.

Formas quebram, dançando, escravas em coréia...
E Nero dorme e sonha, a fronte reclinando
nos alvos seios nus da líubrica Popéia.

Olavo Bilac, A sesta de Nero

Grandes Sonetos da Nossa Língua
José Lino Grünewald, 1988

Era escravo, do roçado...
meu pai!... pobre camponês...
sem ter um vintém furado,
era rico de honradez...

Pedro Grilo, 0909 Trinos
do Pitiguari, R.Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

A mentira que os jurados
têm que ouvir dos depoentes
pode inoventar culpados
ou condenar inocentes.

Pereira Albuquerque, 1004
Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br

A pinga não é culpada
de viver causando horror.
– Cachaça em si, não faz nada
quem faz é o seu bebedor.

Analice Feitoza de Lima, 1004
Fanal Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Dieta mais sem sentido:
quase sumiu... podem crer.
– Agora é o próprio marido
que não sabe o que comer...

Antonio Carlos T. Pinto, 1003
Trovira
alu@mgalink.com.br

Sempre o que mais me conforta
é cair nos braços dela,
entra o prazer pela porta
e a dor sai pela janela.

João Batista Serra, 1004
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

Para o céu abrilhantar,
ó meu querido São João,
apaga a mecha ao queimar,
ou ao cair um balão.

Manoel F. Menendez

Viajei pelo mundo inteiro
e nunca mais pude achar
o que no instante primeiro
encontrei em seu olhar.

Olga Agulhon

Causador da minha insônia,
motivo do meu sorriso,
sem nenhuma cerimônia
me transporta ao paraíso!

Vânia Souza Ennes

O orvalho, do céu liberto,
de uma flor se fez amante,
e em seu regaço entreaberto
pôs um límpido brilhante!

Amaryllis Schloenbach

Ah! mundo cão, mundo louco,
de guerras pelo poder...
só necessito de um pouco
de sossego pra viver.

Djalma Mota

Paz, amor, fraternidade,
eis o lema entre as nações;
porém quanta falsidade
em só três afirmações.

Gasparini Filho

Ensino, sempre, ao meu filho
que a humildade é a luz do bem:
quem faz do orgulho o seu brilho...
não ilumina ninguém!

João Freire Filho

Trovira, Ano 08, número 95, junho 2007; para correspondência, A. A. de Assis: Rua Arthur Thomas 259, Ap. 702, CEP 87013-250 – Maringá, PR



QUIDAIS DE INVERNO

Cavalos relinham...
Só se fala em vaquejada.
A estância borbulha...
Amália Marie Gerda

Da horta à feirinha
desapareceu a acelga...
feirante feliz...
Anita Thomaz Folmann

Coceira gostosa.
Toda noite comichou,
meu bicho-de-pé.
Cecy Tupinambá Ulhóa

Crianças brincando
se abraçam ao pau-de-sebo,
tentando subir.
Djalda Winter Santos

Risonha manhã...
– Desnudo tronco deu rubra
florada suinã.
Fernando L. A. Soares

Termina a quadrilha.
Entre licores e risos,
pipoca quentinha.
Humberto Del Maestro

À beira da estrada
parada em banca de frutas
suculentas nêspersas.
Olga Amorim



HAICUS E M FOLHA

O animal procura,
com desespero, em seu corpo,
um bicho-de-pé. E
Amália Marie Gerda

Do furo redondo,
bicho-de-pé aparece.
E o menino coça... R
Angelica Villela Santos

Nas achas ao fogo,
batata-doce estalando.
Perfume no ar. I
Darly O. Barros

As mãos da vovó
preparam batata-doce
para a sobremesa. R
Djalda Winter Santos

Chamadas urgentes
a qualquer hora do dia.
Dia do Bombeiro. I
Flávio Ferreira da Silva

No fogão à lenha
batata-doce na brasa:
água na boca... E
Neuza Pommer

No meio da festa,
doce de batata-doce
servido em pedaços. I
Renata Paccola

Deflagrado o incêndio,
bem no Dia do Bombeiro.
Bombeiros acorrem... R
Amália Marie Gerda

Heróis nos desastres,
lá vão eles, no seu Dia,
medalhas no peito! R
Angelica Villela Santos

Em chamas, o prédio,
e os heróis salvando vidas.
Dia do Bombeiro. R
Darly O. Barros

Por andar descalço,
roceiro tem pés inchados.
Bicho-de-pé. R
Djalda Winter Santos

Na fogueira,
a lenha em brasa.
Batata-doce. A
Iracema Gomes

No pátio ao sol
flores enfeitam viatura.
Dia do Bombeiro. AA
Neuza Pommer

Sentado na taipa,
o campesino retira
um bicho-de-pé. I
Roberto Resende Vilela

Crianças brincando.
E batata-doce assando
na fogueira ao lado. C
Analice Feitoza de Lima

De dentro da horta
folhas de batata-doce
descem pelo muro. E
Argemira F. Marcondes

Na beira do rio
menino coçando
bicho-de-pé. I
Denise Cataldi

Ao pé da fogueira
batatas-doces assadas
rolam noite inteira. R
Fernando L. A. Soares

Sol forte.
Catuca o bicho-de-pé,
guri sonolento. AA
Iracema Gomes

Dia do Bombeiro –
sobreviventes de incêndio
prestam homenagem. A
Renata Paccola

Fogueira estralando.
O vento que passa cheira
a batata-doce. I
Roberto Resende Vilela

Buraco no dedo.
Bicho-de-pé espetado
na ponta da agulha. I
Analice Feitoza de Lima

Fogo se alastrando,
é simulação de incêndio.
Dia do bombeiro. I
Argemira F. Marcondes

Dia 2 de Julho.
O povo aplaude os bombeiros,
festa no quartel. I
Djalda Winter Santos

Na imensa fogueira
não faltou batata-doce.
Festa na roça. I
Flávio Ferreira da Silva

Com casca e tudo,
vai soprando e mordendo
a batata-doce. E
Manoel F. Menendez

Um agricultor
colhendo batata-doce –
mãos sujas de terra. C
Renata Paccola

Carreata. Sereias
e piscas-piscas ligados.
Dia do Bombeiro. R
Roberto Resende Vilela

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

O fotógrafo Arlindo casou-se com a feirante Neuza, quando tinha trinta e quatro anos. E ela, vinte e nove. Abriu uma lanchonete ao lado de sua residência, para a esposa. E continuou batendo fotos em domicílio. O desejo dela era ser mãe, para completar a felicidade de ambos. Mas, o marido não podia

S E T E A M O R E S
João Batista Serra, Vida em Contos, 1999 – Endereço do Autor: Caixa Postal 95: 61600-000 – Caucaia, CE

ser pai. A solução seria adotar... Depois conformou-se.

Passeavam nos fins de semana. Iam ao cinema, à praia... Divertiam-se o máximo. O dinheiro ganho pelos dois bastava e ainda sobrava. Em menos de um ano economizaram o suficiente para a compra de outra lanchonete, no bairro vizinho. Arlindo empregou Nair, mais tarde a sua primeira

amante. Almoçava com ela e jantava com a esposa.

Tempos depois, os lucros deram para a compra de outra lanchonete. Deu emprego à Miriam. Segunda amante. Metade do dia prestava contas com Nair; metade do outro, conferia com Miriam. Cerca de quatro meses depois, nova casa de

merendas. Entregou-a à Zoráida, terceira amante.

Deixou de ser fotógrafo. Ficou, somente, arrecadando os lucros, sempre na mira de expandir a empresa. Conseguiu a quarta casa de merendas. Nela, colocou Maria, uma linda jovem. Alice tornou-se a quinta empregada-amante

do rico aventureiro conquistador.
 “Agora pretendo, para completar a coleção, mais uma!... Totalizar sete.” – Pensou.
 E logo conseguiu. Vera, a última a fazer parte da companhia.
 Assim, Arlindo encerrou a sua coleção, constituída de sete mulheres. A esposa Neuza, e, as amásias Nair, Miriam, Zoráida, Maria, Alice e Vera. Zoráida era a que menos lhe agradava. Maria, pelo contrário, um fascínio feminino! A predileta, a favorita do sultão!
 Chegou ao ponto de possuir, além das sete casas de merendadas, casas de alugueis e possante carro. E andava numa elegância!
 Prosista como era, costumava dizer aos amigos que se admiravam da maneira pela qual enricou:
 – É isso aí, pessoal!... Quanta mais cabra, mais cabrito!
 Neuza acabou adotando um casal de crianças, para futuros herdeiros.
 E quando ela descobriu a facilidade da riqueza do marido, ele sofreu um ataque cardíaco.
 Antes do derradeiro suspiro, ele disse, bem humorado, à consorte e às seis amantes reunidas, que choravam:
 – É isso aí, meus amores! De lanchonete em lanchonete, eu cheguei a sete!...
 E morreu!

Só sabe o que é uma laranja doce, quem já comeu uma laranja doce. Authos Pagano

Rio Novo – hospitaleira, de encantos tão naturais, é uma ‘estrelinha’ mineira brilhando em Minas Gerais! Albertina Moreira Pedro	A mão que acende um balão faz de um fogueteo junino, muitas vezes a razão de um grande incêndio assassino. Cidoca da Silva Velho	A fugir dos meus percalços, é meu coração risonho moleque de pés descalços erguendo os balões do sonho! Eugênia Maria Rodrigues	A paixão que é verdadeira, parece, no meu conceito, uma contínua fogueira... Nunca se apaga em meu peito! José Tavares de Lima	Num foguetório cerrado o céu junino reluz com um chuveiro dourado pingando gotas de luz! Marina Bruna	Vida, ao jogo te comparas, pois, na tua precária, fisgarei as prendas mais caras... menos o amor que eu queria! Sérgio Bernardo
Ela acendeu, por chalaça, na noite de São João, uma fogueira na praça e outra no meu coração! Alfredo de Castro	Todo ideal é um balão... “Cai, cai balão!” – eu dizia – e, ao invés de em minha mão, em mãos alheias caía. Cleber Roberto de Oliveira	Festa junina é repleta de amor, de simplicidade. É o sertão, que se projeta no cenário da cidade. Francisco Assis Menezes	Leve balão a amargura, quero alegrias... vou tê-las, espalho na noite escura meus sonhos pelas estrelas... Leda Maria Bechara	O balão é como a gente: aplaudido na subida, mas, o mundo intransigente... sempre apedreja a descida! Maurício F. Leonardo	No País da impunidade e da violência fardada, as quadrilhas, de verdade, de juninas não têm nada. Sérgio Ferreira da Silva
Vai, pelos céus, meu balão, e eu sinto, ao vê-lo em subida, que escapou de minha mão como o amor, de minha vida... Almira Guaracy Rebelo	Na quermesse, em breve encanto fruto do amor que surgia, nas festas de um dia santo, fui teu “Santo”... por um dia! Edmar Japiassu Maia	Por favor, mostra-me a trilha (eu suplico a São João) do marcador da quadrilha... que roubou meu coração! Heloísa Zanconato Pinto	Meus sonhos ainda são o que a vida preceitua: foguetes... de “São João”, que nunca chegam à lua! Marcelo Zanconato	Rio Novo, hospitaleira, para mostrar seu calor, nos acende uma fogueira com labaredas... de amor! Neide Rocha Portugal	“És meu príncipe!” Dizia vovó com seu jeito doce... Tão doce que eu me sentia como se príncipe fosse! Thalma Tavares
São João neste teu dia (em que a mim mesmo consolo) faz da minha alma vazia um cordeirinho em teu colo. Alonso Rocha	O meu sonho misantropo, deslizando na subida, até hoje busca o topo do pau-de-sebo da vida! Eduardo A. O. Toledo	São João!... E Rio Novo, terra de mulher faceira, traz o Santo junto ao povo a cantar junto à fogueira! Jaime Pina da Silveira	Se a saudade é companheira, triste é a noite de São João... Não se aquece, na fogueira, o frio do coração!... Maria Dolores Paixão	Remendados de mentira, bigodinho de carvão... Menino rico é caipira ...só nas noites de São João! Newton Meyer de Azevedo	É São João... Na noite fria, um balão iluminado me transporta, por magia, aos junhos do meu passado. Thereza Costa Val
A ventura lembra bem estes balões de São João: só têm a graça que tem longe do alcance da mão! Arlindo Tadeu Hagen	Eu, você – casal caipira – em festas da mocidade: na capela de mentira os meus sonhos de verdade... Elfiad Mont’Alverme	Eu fico de olhos tristonhos ao ver, no céu, um balão: é que os balões dos meus sonhos nunca saíram do chão. José Maria M. de Araújo	Com bandeirinhas, balões Rio Novo, hospitaleira, vai unindo os corações ao redor de uma fogueira... Marielisa Simões Barreiros	Balão de instinto suicida sobe além, ao deus-dará: a mecha que lhe dá vida é a mesma que o queimar! Oscar Vieira Soares	Graças à mão da lembrança, que lhes reacendem o estopim, meus busca-pés de criança correm sempre atrás de mim... Waldir Neves

XII Concurso Nacional de Trovas de Rio Novo, 1997 – UBT São Paulo 9708

Seleção argentina: “O ataque mete medo nos adversários. A defesa, nos argentinos.” – Placar, Edição 1342, Anexo Especial 40 anos

Deus das águas, Deus das flores, Deus dos verdes santuários, guardai-nos dos predadores e dos loucos incendiários! Antonio Augusto de Assis	Meu ranchinho solitário tristonho à luz do luar, faz parte do santuário, onde a paz veio morar. Campos Sales	Um santuário verdadeiro, certamente, é o Pantanal, cujo chão bem brasileiro, não tem no mundo outro igual! Delcy Rodrigues Canalles	No meu peito há um santuário que tu deixaste sem luz: teu amor foi meu calvário e, a saudade é minha cruz... Izo Goldman	Da fauna – imenso berçário: da flora – fértil viveiro! O Pantanal é um Santuário, onde há festa o tempo inteiro!!! Maria Madalena Ferreira	O céu brilhante, estrelado, que eu fito à noite, conrito, é um santuário dourado na Catedral do Infinito! Marina Bruna	Passa o tempo, a gente cresce, muda o nosso itinerário mas ninguém jamais esquece o lar: primeiro santuário. Vanda Fagundes Queiroz
Qualquer lar, por mais precário, quando se abriga à luz do amor, se transforma em santuário onde habita o Criador. Antonio de Oliveira	Ouço ainda a ressonância das cantigas que entoei; santuário de uma infância onde a paz veio amei. Conceição Parreira Abritta	O mosteiro, solitário longe do fausto e esplendor, é um simples santuário que guarda a paz do Senhor! Eduardo A. O. Toledo	Quando te vejo ajoelhada tendo na mão o rosário penso que tu minha amada, és igual a um santuário. Maria Cecília S. Q. Barbosa	Pantanal, é um santuário, onde Deus com muito amor, organiza o cenário da vida, beleza e cor. Neoly de Oliveira Vargas	Não destrua o Pantanal! Ninguém tem esse direito, essa jóia universal é um santuário perfeito. Therezinha Tavares	Na beleza do cenário na magia que ele encerra, Pantanal é um santuário que Deus incrustou na Terra. Wandira Fagundes Queiroz

Jogos Florais do Pantanal, Contatos: Caixa Postal 112, 79300-970 – Corumbá, MS; em Pantanal Poético 1001, Editor Benedito C. G. Lima: beneditocglima@yahoo.com.br

Alemanha, Argentina, Brasil, Espanha, Inglaterra; França, Holanda, Itália ou Portugal? Depois eu conto...

Espelho, sub-reptício espelho, meu professor de disfarce. Quem poderá disfarçar-se sem recorrer ao seu conselho? É diante dele que componho não só a gravata, meu enfeite, mas o meu jeito de rir, tristonho, para que o mundo me aceite. Suspenso defronte à janela, falador, não obstante mudo, ele é o meu jornal tagarela que em segredo me conta tudo. Graças ao seu préstimo avisto tudo o que se passa lá fora. E vejo, sem jamais ser visto, a vida que se vai embora... Vejo o amigo... (ah, eu o compreendo) o amigo que mais considero. Aquele que só é sincero por não saber que o estou vendo. Cassiano Ricardo, A imagem oposta	Janeiro descia com as chuvas e inventava besouros e borboletas e pássaros e girinos e caminhávamos descalços no barro e lá estavam as lavadeiras com suas coxas morenas e fortes como a água e que todas as noites me assombravam calidamente. Janeiro sopra um vento de primeiro instante de tudo e o que respirávamos se chamava manhã e foi o que eu quis te ofertar porque eras tão bela. Mas que isso aconteceu depois. Depois como agora. E é para sempre para nunca mais este exílio. Ruy Espinheira Filho, Janeiro	O qui é Brasí Cabôco? É um Brasí deferente do Brasí das capitã. É um Brasí brasileiro, sem mistura de estrangeiro, um Brasí nacional! É o Brasí qui não veste liforme de gazimira, camisa de peito duro, cum butuadura de ouro... Brasí Cabôco só veste, camisa grossa de lista, carça de brim da “Polista” gibão e chapéu de couro!	Brasí Cabôco não come assentado nos banquetes, misturado cum os hôme de casaca e anelão... Brasí Cabôco só come o bode seco, o feijão, e as vês uma paneláda, um pirão de carne verde, nos dias das inleição, quando vai servi de iscada prôs hôme de pusição! Brasí Cabôco não sabe falá ingrêns nem francês, munto meno o português qui os outro fala imprestado... Brasí Cabôco não inscreve; munto má assina o nome pra votá, prumôde os hôme sê Gunverno e Diputado! Mas porém, Brasí Cabôco, é um Brasí brasileiro, sem mistura de estrangeiro um Brasí nacional! É o Brasí sertanejo dos côco, das imboláda, dos samba, dos rialêjo, zabumba e caracaxá! É o Brasí das vaquejádá, do abônio dos vaquêro, do arranco das boiáda nos fechado ou tabuléro! É o Brasí das cabôca	qui tem os óio feiticêro, qui tem a bôca incarnada, como fruta de cardêro quando ela náce aljádá! É o Brasí das promessa nas noite de São João! Dos carro-de-bôí cantando pela boca dos cocão! É o Brasí das cabôca qui cum sabaença guverna, vinte e cinco pá-de-birro cum a munfada entre as perna! Brasí das briga de galo! Do jogo do !Sôco-tôco!! É o Brasí dos cabôco amansadô de cavalo! É o Brasí dos cantadô, desses cabôco afamado, qui nos verso impruvisado, sirrindo cantáro o amô; cantando choráro as mágua: – Brasí de Pelino Guéde, de Inádo da Catinguêra, de Ugulino do Texêra, e Rumano da Mãe-d’água! É o Brasí das cabôca, qui de noite se dibruça, machucando os peito virge no batente das jinéla... Vendo, os cabôco pachola, qui geme, chora e salúça nas corda de uma violá,	ruendo paxão, prú ela! É esse o Brasí Cabôco. Um Brasí bem brasileiro, sem mistura de estrangeiro um Brasí nacional! Brasí qui foi, eu tou certo, algum dia descuberto, prú Pêdo Arves Cabrá!!! Zé da Luz, Brasí Cabôco (Severino de Andrade e Silva) É preciso que venha de longe do vento mais antigo ou da morte é preciso que venha impreciso inesperado como a rosa ou como o riso o poema inecessário. É preciso que ferido de amor entre pombos ou nas mansas colinas que o ódio afaga ele venha sob o látigo da insônia morto e preservado. E então desperta para oo rito da forma lúcida tranquila: senhor do duplo reino coroado de sóis e luas. Dora Ferreira da Silva, Nascimento do Poema
--	--	--	--	---	---

Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século, José Nêumanne Pinto, 2001, www.geracaobooks.com.br